

Villa da Povoa de Varzim — Praça do Almada, edificio dos paços do concelho, egreja matriz

I

Apesar das differentes opiniões que tem apparecido relativamente ao nome de *Varzim* dado a esta povoação, o que parece fóra de dúvida é que tal denominação lhe veiu da varzea em que está assente, pois suppondo-se que, no tempo do conde D. Henrique, pae do fundador da monarchia, D. Affonso Henriques, existíra alli a freguezia de Argivaes, no logar da Varzinha, é bem de crer que já fosse este nome uma derivação do de *Varazim de Jusão*, que tambem teve, e d'ahi, com o andar dos tempos, o povo encurtasse e adoçasse o titulo até ficar com o unico nome que tem conservado até os nossos dias.

Não se encontra, comtudo, em documento algum, posto se hajam feito muitas e sérias investigações a este respeito, a data em que principiou a dar-se á Varzinha o nome de Povoa de Varzim; sabe-se apenas que em umas cartas datadas de 3 de janeiro 1305, e endereçadas por D. Diniz ás religiosas de Villa do Conde, em cujo convento devem ainda existir [1], o rei lavrador chamava-lhe *Varazim de Jusão;* e na carta de doação passada a favor de seu filho bastardo Affonso Sanches, na mesma data, confirma aquelle titulo.

Em o *Nobiliario* vimos que o conde D. Pedro lhe chama *porto de Varazim*, o que parece indicar que n'aquella epocha tambem assim era conhecida a povoação, e que já tinha importancia, embora pertencesse ao senhorio e jurisdicção de Villa do Conde, de que só no seculo XVII veiu inteiramente a separar-se.

II

Quando o conde D. Henrique, atravessando as Hespanhas, veiu servir Affonso de Castella, trouxe em sua companhia cavalleiros, amigos e aventureiros que quizeram participar com elle dos perigos, azares e venturas da guerra; e entre esses cavalleiros, dizem as chronicas, se contava um tal D. Guterro, natural da Gascunha, antigo paiz da França, hoje dividido n'este imperio entre as provincias dos Altos e Baixos Pyreneos.

Conquistada uma parte da Lusitania pelos esforços de D. Henrique, e sendo este possuidor já dos terrenos que então governava como conde, ou consul, pelo dote que lhe trouxera D. Theresa [1], quiz recompensar a fidelidade e o valor dos seus companheiros d'armas, e a D. Guterro, como especial testimunho de reconhecimento pelos assignalados serviços que lhe prestára, deu-lhe herdades e terrenos entre Guimarães e Braga, comprehendendo-se em tal e tão valiosa mercê a Povoa de Varzim.

D'este D. Guterro provém a nobre familia dos Cunhas [2], cujo senhorio foi, como se sabe, n'aquellas terras até o reinado de D. Diniz [3]; e sendo no começo do seculo XIV encorporado este senhorio, ou parte d'elle, na coroa, foi então que Affonso Sanches recebeu a doação do senhorio da Villa do Conde, em que se incluia *Varazim de Jusão* [4].

Era filho bastardo, como se disse, del-rei D. Diniz e de D. Aldonça Rodrigues Telha, ou de Souza, aquelle D. Affonso Sanches, o qual casou com D. Theresa (Tareja) Martins de Menezes, filha do primeiro conde de Barcellos, D. João Affonso Tello de Menezes e Albuquerque [5].

(Continúa) BRITO ARANHA.

1 Vid. *Memorias historicas da villa da Povoa de Varzim*, pag. 8.

1 Veja-se o que a este respeito diz o sr. Alexandre Herculano na instructiva nota que poz no fim do tomo I da *Historia de Portugal*, pag. 454.

2 E tanto assim é, que ainda hoje o primogenito dos srs. condes da Cunha tem o nome de D. Guterro, como em lembrança do primeiro varão que em Portugal fundou o solar da sua familia.

Na *Nobiliarchia portugueza*, pag. 271, lê-se: — «Procedem (os Cunhas) de D. Guterre, companheiro do conde D. Henrique, a quem elle fez mercê da Povoa de Varzim e outras terras, no districto de Guimarães, Braga e Barcellos. Entende-se ser seu solar a terra de Cunha-a-Velha, do termo de Guimarães, por ser antiga nos fidalgos d'este appellido.»

Em o *Nobiliario* do conde D. Pedro, pag. 310, lê-se: — «O primeiro (Cunha) foi D. Guterre, que foi natural da Gascunha; veiu a Portugal com o conde D. Henrique, sendo cavalleiro bom e velho, e de grande entendimento, e fiava o conde d'elle, e chamava-o a seus conselhos, e deu-lhe o conde muitas herdades e possessões em terra de Guimarães e de Braga, e deu-lhe o *porto de Varazim*.»

3 Vid. *Memorias historicas da villa da Povoa de Varzim*, pag. 9.

4 Vid. pag. 365 do vol. IV do *Archivo Pittoresco*.

5 Vid. *Chorographia portugueza* do padre Antonio de Carvalho da Costa, tomo I, pag. 318.

EUGENIO DELACROIX

(Conclusão. Vid. pag. 49)

II

Acompanhar o mestre na sua tarefa improba, e enumerar os quadros que no decurso dos vinte annos seguintes saíram do seu gabinete, seria não só fastidioso, mas tambem inutil. Delacroix trabalhou. Alvo constante das metralhadas inimigas, deixou-as zunir e silvar, e proseguiu na sua obra. Talento original e flexivel, todos os generos lhe quadravam e todas as scenas o embebiam. Passava do sentimental ao horrivel, como depois de esboçar a *Caçada do leão* desenharia as abroteas e as madresilvas do seu jardim de Champrosay.

A individualidade do seu genio firmava-lhe todos os quadros. Em 1855 esse mundo disperso de obras primas reuniu-se e condensou-se, e então os detractores do mestre poderam medir toda a fecundidade d'aquelle espirito e todo o vigor d'aquelle engenho. No livro de T. Gautier *Les beaux arts en Europe* encontra-se em resenha o numero e a valia dos quadros então expostos por Eugenio Delacroix. A França comprehendeu a injustiça dos sarcasmos, e a Europa fixou o olhar assombrado n'essas télas cheias de vida e de espontaneidade. A academia tinha de sujeitar-se ao decreto assellado pelo voto unanime de milhões de admiradores. Ingres lá estava, com a sua *Apotheose de Homero*, glacial e tranquillo; mas Delacroix contrapunhase-lhe, tendo em uma das mãos a *Medéa furiosa*, e na outra a *Justiça de Trajano*.

Ahi estava o romantismo e o classico, a paixão desgrenhada e a ornamentação correcta, o poema e a historia, a tragedia e a chronica, a vida e a morte. Comtudo, Delacroix, quando procura na antiguidade romana o sujeito dos seus quadros, procura-o de um modo livre e energico, como Shakespeare o procurava, segundo a justa comparação de Theophilo Gautier. A sciencia do archeologo não o subordina nem o captiva; injecta sangue nas veias dos heroes, e dá-lhes a duração perpetua. Esta vida caracterisa a sua obra. Nos demais trabalhos dos mestres, comprehende-se que as figuras estão commodamente n'aquelles quadrados de linhagem; vê-se que a moldura não é travanco, e não ha receio que os cavallos empinados se precipitem sobre os espectadores: nos do auctor da *Carnificina de Scio*, o caso é diverso. Os corceis relincham e correm, os homens agitam-se, as nuvens baloiçam-se, ha tremitos na folhagem, e as palavras resoam. Desconfia-se a momentos de que vão saír da téla aquelles grupos maravilhosos.

Foi por isso que os sectarios da eschola de David feriram o ceo com a celeuma ao apparecimento de uma ousadia tão insolita. Gritaram contra a profanação, contra o desacato ás boas regras, e exorcismaram o espirito mau, o *diable au corps*, que induzia o novo filho da arte a lacerar as entranhas maternas, convertendo tão celestial deusa em malaventurada Agrippina. Bem dizia o proprio Delacroix n'uma das suas *Agenda*: «Os homens da eschola de David passaram a sua vida a repetir as mesmas fórmas, não imitadas, mas moldadas sobre o antigo. A Venus, o Gladiador, etc., são typos que elles tem reproduzido com os olhos fechados. Como se convenceram de que, além d'isto, tudo o mais é um attentado contra o gosto, tem para si que o bello não é mais do que a applicação de uma receita. Um passo áquem ou além de Raphael é para elles uma infracção detestavel; imitam parvoa e servilmente o mestre, até nos mesmos desvios e desapuros [1].»

A exposição de 1855, congregando os trabalhos esparsos do pintor, deu a este os foros de nobreza artistica e os titulos de fidalguia intellectual que lhe haviam regateado os aristocratas de peruca e os academicos sapientes. Um genio vale bem um sabio. Um pintor como Delacroix póde alguma vez incorrer em peccado venial contra a regua e o tira-linhas, como um poeta, á similhança do creador de *Othello*, póde facilmente supportar os desagrados de La Harpe. A gloria não costuma chamar a depoimento os episcopaes do synodo para saber se ha ou não idoneidade em tal ou tal creatura sublime. O talento conhece-se pela estrella que tem na fronte, como o leão se conhece pelo rugido. Poderiamos ainda accrescentar: e os mediocres distinguem-se, como os asthmaticos, pela respiração curta e pelo vagaroso do passo.

Continuemos. Delacroix não póde ser, comtudo, absolutamente apreciado pelo simples exame dos quadros a que alludimos. A critica assevera que é nas pinturas muraes onde as suas brilhantes faculdades se desenvolveram de um modo mais amplo. A sala do throno na camara dos deputados; o *Elyseo dos poetas*, na bibliotheca da camara dos pares; o salão da Paz, no *Hotel de Ville;* e o tecto da galeria de Apollo, no *Louvre*, são trabalhos monumentaes d'este pintor, que, arrancando a eschola franceza do archaismo greco-romano em que ella se havia atufado, a elevou a outras alturas e lhe indicou outras veredas ignotas.

Em quanto os bufarinheiros da pintura olhavam de soslaio para os eternos quadros de Delacroix, a consideração official, pelo contrario, revelava-se-lhe por estas incumbencias successivas. Isto é digno de mencionar-se, porque é raridade. Quasi sempre os Pilatos da governação é que mandam açoitar os civilisadores egregios, deixando em quietação beatifica a mais de um Barrabaz delecterio.

A medalha da exposição universal e o suffragio da academia, que lhe abriu as portas em 1857, espertaram os amadores e os traficantes, e os quadros de Delacroix entraram na sua tardia primavera de glorificações unanimes. O que até então havia jazido no esquecimento foi procurado e applaudido. A munificencia official batêra na pedra bruta de todos esses ignaros, e fizera faiscar uma centelha de admiração em prol do homem, que lhes havia de retribuir illuminando-os com o sol da sua immortalidade gloriosa.

A 26 de maio de 1863 a doença veiu bater-lhe á porta. Partíra elle para o seu retiro de Champrosay. O corpo, extenuado pelo trabalho continuo, e devastado pelas tempestades interiores, vergava com o peso d'essa mão fria e plumbea. A 22 de junho mal podia elle descer ao jardim a contemplar aquellas flores que o adornavam, ou a deitar a vista ao longe para as montanhas agrestes. A lividez augmentava, mas o sorriso abria-se socegadamente nos labios. «*Allons! ça reviendra!*» dizia elle com a serenidade dos que não deitam sombra na terra. Depois continuava: «Oh! se eu melhorar, como creio, hei de fazer coisas pasmosas. Sinto a cabeça em labaredas.» A 9 ou 10 de agosto um membro da academia das bellas artes veiu, em nome dos seus collegas do instituto, saber novas do moribundo. Não o receberam. Delacroix, sabendo quem era, disse com uma tristeza profunda: «Bem me affligiram, bem me insultaram, bem me combateram esses homens, meu Deus!»

E os olhos cerravam-se-lhe a pouco e pouco, talvez como que para não se fitarem n'esse quadro de luctas passadas e de protervas invejas.

No dia 13 o sino de Saint-Germain-des-Près acabava de tanger a Ave-Maria, e Delacroix, com as mãos entre as da sua boa serva Jenny, soltava manso e manso o espirito, como áquella hora, nos alegretes do seu jardim sombrio, as ultimas flores do verão exhalavam mysteriosos perfumes. Caía a noite; ás sete horas menos um quarto ainda elle respirava; ás sete horas ro-

1 Th. Silvestre — *Loc. cit.*, pag. 67.

dou-lhe a boca um como que sorriso ineffavel, e a luz d'aquella alampada extinguiu-se á mingua de oleo. No outro dia um punhado de terra, calcada e batida, cobria o corpo onde se tinham agitado as mais grandiosas paixões e concebido as mais audaciosas emprezas.

Tal foi esse homem que a França ha de contar sempre no numero dos seus primeiros filhos. As conquistas que elle fez não são das que podem retomar-se. Para estes Buonapartes da intelligencia não ha Wellingtons afortunados. Wilkie, Lawrence, Fielding, Copley, Turner, e os mais que essa rival da patria de Delacroix póde agrupar no seu templo de artistas, estendem as mãos ao auctor do *Marino Faliero*, e com as proprias folhas da sua coroa tecem o laurel do mestre. Eis ahi a confraria dos talentos. A inveja não transpõe os umbraes do atrio, e fica sobre o seu muladar, roendo-se na desesperação da impotencia. Os filhos dilectos da arte páiram na mesma atmosphera luminosa. Se ha sombra que lhes cáia das-azas, essa não se estampa senão nos vultos mediocres, que vivem constantemente agachados, deitando o olhar cubiçoso para o bando eminente das aves.

Nas breves linhas que escrevemos a respeito do pintor francez, não podémos entrar no largo estudo que tal assumpto merecia. Seria isso materia para um livro, se o que traça estas palavras tivesse hombros para tamanho peso. Os Atlantes escasseiam, não direi só por cá, mas por todo esse mundo fóra. As gerações parece que vão definhando; e não sei se o lavor material, ou antes a degeneração dos costumes, tem apertado e estrangulado os que Deus não fadára para garras de abutres.

Quem é hoje o successor de Eugenio Delacroix? onde estão os primogenitos d'esses poetas da revolução liberal? quem póde florear a clava com que os athletas do chamado romantismo alluiram as muralhas da gentilidade vetusta? O segundo imperio tem tido a esterilidade vergonhosa. Se percorrermos a linha das outras nações, lá veremos como nas fileiras rareadas apenas sobrelevam algumas cabeças cobertas de cans.

Aqui não vae confissão de desanimo, nem falta de confiança no futuro. Recordo o que fere os olhos dos que se aprazem em contemplar o movimento dos espiritos. Este movimento, em relação ao ideal, é hoje tardo e incerto. Accelerar-se-ha ámanhã? É possivel. Do norte começam a elevar-se uns fumosinhos tenues, e as borrascas podem desatrellar-se n'um credo. O vagalhão germanico tem de lavar outra vez estas musgosas penedias latinas. Depois, como succede em todas as coisas, a messe ha de rebentar mais vigorosa. Devanearemos porventura? Outros mais sabedores que o digam.

Voltemos ainda a Eugenio Delacroix. Em 1863 todos os esboços, desenhos e quadros do grande homem foram expostos ao publico; e então se póde ver n'aquelles traços vagos e indefinidos o embryão das suas mais bellas obras. N'aquelles bosquejos apenas delineados, os que tachavam o pintor de cegamente precipitado poderam convencer-se de que elle, apesar de todo o arrojo da sua phantasia, não deixava de procurar em rapidos lineamentos o que ao diante traduziria em rasgos sublimes.

Todos estes trabalhos posthumos subiram a um preço fabuloso. O escriptor que mais de uma vez temos citado (Théophile Silvestre) diz textualmente: «*On est allé jusqu'à mettre en vente, à cinq francs! des tatonages encadrés.*»

Este fanatismo significava a beatificação do genio. Todos queriam possuir uma d'essas reliquias, como se ellas estivessem sanctificadas pelo contacto d'aquella mão peregrina.

Agora que, nas suas linhas geraes, conhecemos o artista, vejamos um pouco o homem. Eugenio Delacroix pintava assiduamente. Levantava-se por costume ás sete horas da manhã, e trabalhava em jejum até ás tres da tarde; tomava então uma refeição das mais simples, recebia por comprimento algumas visitas, e tornava a embraçar a palheta até desapparecer a claridade do dia. Era sêcco e nervoso, melancolico e violento. Prezava o louvor dos entendidos, mas detestava a bajulação dos nescios. A critica, sem que o demovesse dos seus propositos assentes, todavia incommodava-o. Na conversação era caprichoso, volubil e pittoresco. Fréchava os contendores com o sarcasmo, e gostava de derrubar um sillogismo com duas palavras picantes. Tinha convicções profundas, mas fugia a manifestal-as. Quando, apertado pelas instancias de amigos, dava a lume na *Revista dos dois mundos* alguns dos seus escriptos, fazia-o desviando polidamente o alvo a que se destinavam os tiros. Não lhe era desconhecida a finura diplomatica. No trato intimo era expansivo e caloroso; mas em publico parecia forrar-se com uma certa coura que o desfigurava. Mais de um amigo, e dos que entranhadamente o prezavam, teve o resentimento da sua frieza excentrica e imprevista. Apontemos Charles Baudelaire. Julgava com rectidão e escrevia com elegancia. Alguns dias antes de morrer deitou ao fogo dezeseis ou dezoito *Agenda*, onde, dia por dia, escrevêra os seus pensamentos sobre a arte, a vida, os grandes mestres e os contemporaneos.

Hoje, na constellação de nomes que irradiam na França, o de Eugenio Delacroix não tem o brilho menos intenso. As luctas e as negações pertinazes desappareceram diante de um sepulchro que tinha de ser transmudado em altar. Sobre esse altar veiu a posteridade depor as grinaldas votivas, e em frente d'elle curvaram-se os que crêem na religião da arte e na santidade do talento. Assim tem de ser. Para taes homens a morte precede a resurreição esplendida. Ao terceiro dia levantam elles a campa e surgem entre a acclamação universal. Os vulgares dormem, no entanto, no seio da terra, cobertos de musgo e de esquecimento.

E. A. Vidal.

LIÇÃO PARA FATUOS

(conto)

I

ESPERTEZA DE UM ANALPHABETO

Dizem que um herdeiro da coroa da França...

— Qual? perguntarão.

Não sabemos ao certo, mas é possivel que fosse Carlos VIII. A chronica falla de um moço rei tão pobre de espirito, que, quando subiu ao throno, não tinha aprendido coisa alguma. Ora, não offenderemos a memoria do successor de Luiz XI suppondo-o modelo d'este retrato, porque, com verdade, quando aos 30 de agosto de 1483 seu pae passou d'esta para melhor vida, e o delphim Carlos foi proclamado rei, este moço, que ia cingir a coroa da França, contava treze annos e dois mezes, e não sabia ler. Posto isto, continuemos, ou antes recomecemos o conto.

Dizem que um herdeiro da coroa da França, que se considerava como preso nos ultimos annos do reinado antecedente, expressára o desejo de passar sósinho uma ou duas horas cada dia, assim que foi ou se julgou o senhor no seu reino. Como os cortezãos, que por cautela o acompanhavam, se conservavam em grande distancia e sem serem vistos, o moço rei suppunha que lhe tinham feito a vontade e andava satisfeito. Apesar d'isso, os passeios diarios não iam além das circunvisinhanças do palacio, onde todos o conheciam.

Um dia, quando regressava a casa, viu no caminho,

sentado em uma pedra, um ancião que se conservava curvado e mui attento na comparação de dois livros que abríra sobre os joelhos. O moço rei parou ao pé do ancião e olhou-o com espanto, não porque fosse coisa nova para elle ver alguem entregar-se á leitura, pois na corte, exceptuando o rei, todos sabiam ler; o que o surprehendia era a immobilidade do leitor na sua presença, porque já estava acostumado a ver todos curvados e humilhados ao seu olhar, e não podia comprehender que um misero camponez não se interrompesse, nem tremesse, nem ajoelhasse diante d'elle, segundo o uso d'aquelles tempos.

— Não vês quem sou? disse o rei ao camponez, dando-lhe levemente com a extremidade de um latego, que não deixava nos seus passeios quotidianos.

O camponez ergueu a cabeça, e, notando que o mancebo que o interrogava trazia plumas no boné, levou a mão ao barrete de lã; e, depois d'este meio comprimento, continuou a observar os dois livros como se não houvesse pessoa alguma junto d'elle.

Offendido com a desattenção e ousadia do camponez, o moço rei tornou encolerisado:

— Não sabes, ó amigo, que me comprimentam de outro modo as pessoas que me conhecem? E sou aqui conhecido de todos.

— Assim será, replicou o camponez sem se levan-



O ensino primario

tar, e apoiando as mãos nos dois livros, como se receiasse que lh'os roubassem em quanto respondia ao moço que de novo o interpellára tão desabridamente. Não duvido de que seja conhecido dos moradores d'esta terra, continuou, e nem é isso para estranhar; mas eu só posso saber quem o senhor é quando fizer o favor de dizer-m'o. Como é possivel conhecel-o, se venho de um senhorio distante d'aqui mais de trinta legoas?

O moço rei, que, apesar do seu orgulho e da sua ignorancia, tinha intelligencia para avaliar bem uma desculpa, satisfez-se com a que lhe deu o camponez, serenou logo, e accrescentou como simples observação:

— Morando tão distante, vens então ler para aqui?

— Acabei a minha viagem, senhor; mas quando me dirigia ao palacio do rei, onde vou cumprir a ultima vontade de um finado, pareceu-me que ia commetter uma grande falta, e descancei n'este sitio para me certificar de que a minha commissão sería bem desempenhada.

— E por que não o verificas?

— Só lendo é que o conseguiria, e tal é a minha infelicidade n'este momento que nem sequer sei ler, respondeu o homem, mostrando-se humilhado da sua confissão. Tenho, pois, medo de enganar-me quando me apresentarem ao senhor rei para lhe dar propriamente o que para elle confiaram ao finado, cuja ultima vontade cumpro.

Estas ultimas palavras excitaram a curiosidade do moço rei, e, como desejava continuar a conversação, disse ao camponez:

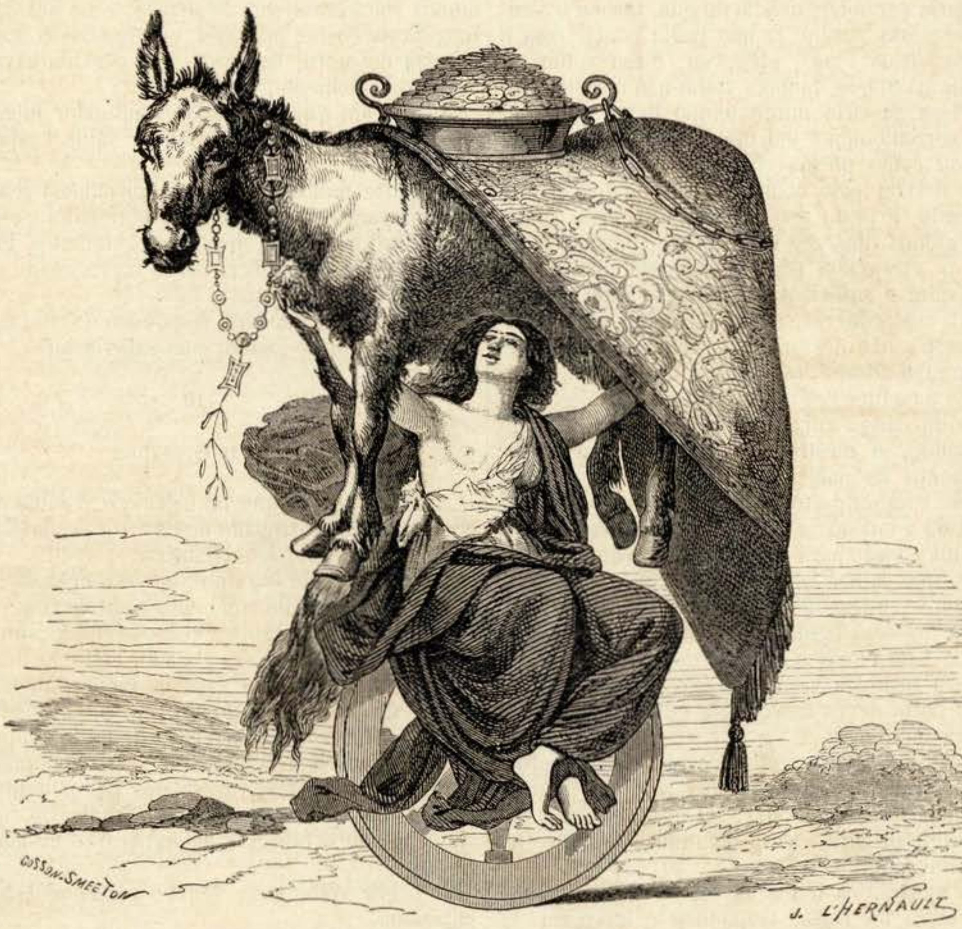
— Ha muito tempo que estás ahi sentado, e eu tenho precisão de me sentar; levanta-te para me cederes esse banco de pedra, e depois conta-me em breves palavras os teus pezares, porque é possivel que possa mitigal-os.

O camponez levantou-se, com effeito, e de pé, em frente do rei, conservando sempre os livros apertados contra o peito, referiu que indo, como criado, acompanhando um frade da abbadia senhorial que fôra en-

carregado de levar ao rei um brinde do abbade, succedeu que o dito frade foi accommettido de uma grave doença, da qual succumbiu no caminho. Antes, porém, de fallecer teve tempo de confiar ao seu companheiro o fim da viagem.

Tratava-se de apresentar ao rei um dos dois livros; havia de entregar só um e guardar o outro sem que o rei o visse. Nascia d'ahi a difficuldade. Os volumes, quando menos na apparencia, eram similhantes; tinham ambos capas de pergaminho branco, e altura e largura tão eguaes, que entre um e o outro não haveria differença de um cabello. Só pelo texto poderiam conhecer-se. O volume que se não destinava ao rei fôra dado ao portador do brinde do sr. abbade como remuneração do seu trabalho, e por certo havia de produzir quantia avultada se o fosse offerecer, para a sua livraria particular, ao sr. João de Vaquerie, presidente do supremo tribunal de Paris. Ora o ponto importante era não se enganar quanto ao destino que devia ter cada um dos volumes; se désse ao rei o que era para Paris, commetteria uma falta grave para com o rei, mereceria severo castigo, e perderia boa occasião de enriquecer-se.

— Então o finado, perguntou o moço rei, quando te deu, na hora da morte, similhante incumbencia, não se lembrou de indicar-te o meio de conhecer o



Quanto mais alto a Fortuna ergue o asno, tanto mais breve o deixa cair

livro que não devia mostrar-se ao rei? E accrescentou para comsigo: Se eu soubesse ler, era esse que desejava ter.

— O que ainda chegou a dizer-me, respondeu o pobre camponez, é que o que devia levar ao rei, da parte do sr. abbade, começava assim: «Sob a santa guarda de Deus»; ora quando o senhor parou diante de mim, queria eu tentar o impossivel; isto é, comparando a primeira pagina de um livro com a primeira pagina do outro, queria adivinhar em qual dos dois estavam as palavras que não sabia ler.

O camponez fez aqui uma pausa, e depois, como subitamente inspirado, accrescentou:

— É verdade: o senhor prometteu auxiliar-me para sair da difficuldade, o que é facilimo, pois não posso acreditar, sem offendel-o, que o senhor seja tão ignorante como eu.

Em seguida, tomando os livros abertos nas mãos, mostrou-os ao moço rei. Leve rubor subiu á fronte do mancebo, o qual se inclinou algum tempo para os volumes como se quizesse indicar que os estava comparando, mas o certo era que pretendia occultar a sua vergonha e salvar a sua dignidade. Quando achou meio de sair de tal apuro, o moço rei fechou os livros, cujas linhas negras o incommodavam devéras, porque em geral uma inesperada circunstancia que encerre em si lição e advertencia, excita o orgulho dos fatuos e poderosos.

O moço rei era muito soberbo, e mais por causa do orgulho que da pobreza de espirito é que elle não recebêra instrucção alguma. Receber lições, acceitar preceitos, entrar no conhecimento dos deveres, era, segundo elle, descer abaixo da classe do inferior que se encarregasse de instruil-o. Sem obrigação de estudar, desejava, comtudo, saber; mas a solução dada a este problema, sem quebra da dignidade nem do orgulho, devia ser a seguinte: ou conservar-se ao pé do mestre durante o tempo que durasse a lição do camponez, e, de palmatoria em punho, apparentar que auxiliava o ensino, quando na verdade era elle que

tambem aprendia; ou chamar o discipulo para lhe fazer repetir a lição, e ir assim aprendendo, mostrando que ensinava. O problema de um analphabeto ensinar um homem que já soubesse o abecedario seria porventura insoluvel, mas resolveu-se.

Entretanto, o camponez começava a manifestar impaciencia para conhecer o resultado do exame dos dois livros, e o moço rei respondeu:

— Nada tenho a dizer-te ácerca do que vi n'estas paginas, porque não é conveniente que apresentes ao rei uma coisa sem saberes propriamente se te encarregaram de alguma commissão que lhe agrada ou que o offende, pois no primeiro caso serás recompensado, e no segundo punido. Antes de dirigir-te ao palacio do rei, como enviado do sr. abbade, aprende a ler.

— Desejaria aprender, não ha dúvida, tornou o camponez, desgostoso porque já não podia contar com o auxilio promettido; mas, observou, estou velho, e, como se diz na aldeia, homem velho não aprende lingua; por isso gastaria muito tempo antes que soubesse ler correntemente em um livro. Além de que, accrescentou como ultima objecção, o alforge que o finado me deixou para continuar a viagem não está bem recheado, e posto que seja muito sobrio, se viver ainda alguns dias por este mundo, depois de ter comprado o necessario para o alimento quotidiano, não me restará o sufficiente para pagar a um mestre.

— Nem a hospedagem, nem o sustento, nem as lições do mestre hão de diminuir sequer um obolo do que resta no teu alforge, retorquiu o moço rei, que interiormente amadurecêra o seu projecto. Ha n'estes sitios, junto da egreja cuja torre se vê d'aqui, um homem instruido, o mestre João Gautier, que recebe todos os annos do palacio do rei uma boa esmola; dize-lhe que vaes da parte do pequeno Carlos para que te dê poisada e ensino; e d'aqui a pouco receberá elle uma recommendação para que não te haja como embusteiro. Logo que saibas ler eu te apresento ao rei; mas como desejo certificar-me do adiantamento que vaes tendo, pois me será agradavel conhecer que a minha protecção é bem empregada, hãs de ir todos os dias repetir-me a lição da vespera. Logo te mandarei dizer a qual porta deves bater e por quem deverás perguntar para me veres.

Foram estas palavras proferidas com tal accentuação de auctoridade, que não deixaram de infundir plena confiança no camponez; e, portanto, na occasião de dirigir-se para a casa do indicado mestre fez só a seguinte pergunta:

— Devo mostrar os livros ao mestre João Gautier?

— Não faças tal coisa, respondeu o moço rei; só deves mostral-os a mim quando possamos lêl-os juntamente.

II

O ENSINO PRIMARIO

Como fôra ajustado, passados dois dias o camponez, discipulo do mestre João Gautier, foi apresentado ao moço rei por um criado confidente d'esta criança coroada.

O camponez ajoelhou humildemente em frente da especie de throno onde se empoleirára o seu protector. Este conservava erguido na mão direita o habitual latego. O velho discipulo apresentou-lhe então a taboa onde o mestre João Gautier traçára com tinta as vinte e quatro letras do alphabeto latino, e os nove signaes numericos a que chamâmos arabicos. O pobre velho tinha aprendido apenas a conhecer as quatro primeiras letras do alphabeto; mas o seu improvisado examinador, a cada letra que o camponez nomeava, levantava o latego sobre o pobre homem e dizia-lhe severamente, como se estivesse preparado para corrigil-o:

— Estás bem certo de que não te enganas?

— Estou, sim, senhor.

— Não tem dúvida... lê outra vez.

E fazia-lhe repetir a mesma lição até que elle proprio a soubesse.

Tal foi a primeira lição, que serve de assumpto á gravura junta, e assim as subsequentes.

Ao cabo de seis semanas, o moço rei, despedindo o discipulo do mestre João Gautier, dignou-se dizer-lhe:

— Estou satisfeito com os nossos progressos.

Era justiça fallar no plural; pois que, graças ao camponez, o pseudo-examinador conseguira, em fim, aprender o alphabeto.

No mez seguinte, continuando o methodo referido, ambos soletraram sem hesitação, e no fim do terceiro mez d'este ensino primario, em que um ia aprendendo á custa do outro, figurando que o examinava, ambos liam correntemente.

No dia em que o pseudo-examinador julgou que o discipulo do mestre João Gautier sabia bastante, disse-lhe:

— Traze ámanhã os livros ao palacio real: ha de ser um para o rei, a quem o entregarás; e o outro é para mim, pois estou decidido a compral-o. Parece-me que devo ter preferencia sobre o presidente do supremo tribunal de Paris.

— Parece-me que sim, respondeu o velho estudante; sem o auxilio do senhor não saberia ler.

III

OS DOIS LIVROS

A unica pessoa que no palacio real sabia das lições era o criado encarregado de trazer á presença do moço rei o discipulo de João Gautier.

Quando, no dia seguinte, em execução da ordem do moço rei, n'aquelle momento rodeado dos cortezãos, foi introduzido na camara real o simples camponio que vinha, em nome do sr. abbade, entregar um livro ao rei da França, houve para os circumstantes diversas razões de surpreza e admiração, sendo a principal a escolha da pessoa encarregada de tal incumbencia. Os cortezãos queriam demonstrar a sua indignação, mas o rei, que lhes podéra ler nos rostos aquelle baixo sentimento, que de certo não o lisonjeava, impoz-lhes silencio com o olhar, e os signaes de desagrado cessaram.

O pobre velho nem sequer percebeu esta mimica palaciana.

Chegado á presença do rei, o camponez reconheceu n'elle o seu severo examinador. O susto e o reconhecimento, mais que o respeito, obrigaram-n'o a dobrar os joelhos; a palavra gelou-se-lhe nos labios, e o livro cair-lhe-hia tambem das mãos attonitas, se o rei não se apressasse em animal-o.

Em quanto o velho se conservava n'este enlevo, o moço rei abrira o livro, e, passando successivamente as folhas, lia em voz alta, ora aqui, ora alli, alguns trechos.

Espantados realmente ao vêl-o tão sabio, os cortezãos tiveram desejo de expressar a sua admiração, gritando:

— Milagre! o rei da França sabe ler!

Mas as conveniencias, que n'aquella epocha se guardavam como hoje, suffocaram-lhes a exclamação, que apenas transluziu em olhares arregalados.

Não se pozeram na chronica os titulos dos dois volumes, um dos quaes era destinado ao rei, e o outro a um illustre magistrado, amador de livros, que era imprudente e inconveniente apresentar na corte.

Sabe-se unicamente que uma estampa do volume, que o rei não podia ver sem se julgar offendido, re-

presentava um asno coberto com rica manta, tendo no dorso um vaso cheio de moedas de oiro; e a Fortuna, que, erguendo os braços, levantava o asno á maior altura, como se vê na segunda gravura junta. A estampa tinha por baixo a seguinte inscripção: «Quanto mais alto a Fortuna ergue o asno, tanto mais breve o deixa cair [1].»

LUXO E MAGNIFICENCIA DA CORTE DEL-REI D. JOÃO V

(Vid. pag. 47)

Não obstante os grandes esforços das auctoridades para facilitarem a jornada da familia real desde as Vendas Novas até Montemór-o-Novo, o mais que alcançaram foi evitar os maiores perigos, cegando os pégos e atoleiros feitos na estrada pela chuva e inundações. A jornada foi trabalhosa e muito incommoda. A rainha, a princeza e o infante D. Pedro demoraram-se em Montemór algumas horas, menos para descançarem que para darem audiencia, receberem comprimentos e visitarem a casa onde nascêra S. João de Deus, transformada então em egreja e convento da ordem dos hospitaleiros, instituida pelo mesmo santo. Depois do jantar, que foi servido na casa da livraria do referido convento, poz-se a real comitiva a caminho de Evora.

Era já muito noite quando chegaram ás portas da cidade. El-rei, que se achava em Evora desde o dia 10, ordenára uma recepção solemne e festiva para sua esposa e filhos. Saíram, pois, a recebel-os as auctoridades, muita nobreza e clero, dois batalhões de infanteria e dois regimentos de cavallaria. D. João v, com o principe do Brasil, e infantes D. Antonio e D. Francisco, o ultimo dos quaes havia chegado a Evora na vespera, acompanhados de todas as pessoas da corte, esperavam a rainha no largo do chafariz das Bravas, que fica junto da porta da Alagôa, da parte de fóra dos muros.

A capital do Alemtejo adornou-se com as suas melhores galas. Alcatifaram-se de verdura e flores as ruas por onde o prestito real havia de passar, desde a porta da Alagôa até á sé, e as janellas estavam armadas de sedas e damascos. A familia real atravessou a cidade debaixo de um chuveiro de flores, que as damas lhe deitavam das janellas, ao som das musicas marciaes, e ao estrondo das salvas de artilheria e das girandolas de foguetes, a que vinham misturar-se as acclamações populares.

Feitas as costumadas ceremonias da entrega das chaves da cidade, recitados os longos discursos de felicitação, e cantado o *Te Deum* em acção de graças, os soberanos e principes passaram da egreja da sé para os paços do arcebispo, contiguos á cathedral, os quaes se achavam esplendidamente preparados para receberem os augustos hospedes. Seguiu-se o beija-mão, que foi tão apparatoso e concorrido como os que el-rei dava nos seus paços de Lisboa. Depois serviu-se uma lauta ceia. A familia real comeu primeiro em uma sala reservada. As pessoas da corte que a tinham acompanhado e os principaes personagens de Evora tomaram logar em a mesa de estado, que estava na maior sala do palacio. Referiremos, por nos parecer curiosa, uma succinta narração d'esta ceia, tal qual a encontrâmos escripta: «Pozeram-se oitenta talheres; e as duas cobertas constavam de prato de meio cada uma, dezesete pratos de cozinha, oito pratos flamengos de salada, vinte e dois de meia cozinha, quatro flamenguinhas de azeitonas; e a terceira coberta era de cinco corbelhas de doce e oito de frutas...»

[1] Este conto foi trasladado do *Magasin Pittoresque*, onde no t. xxxv se lê sob o titulo: *Les leçons du petit roi.*

Demorou-se a familia real em Evora até ao dia 14 para ver os seus principaes monumentos; e, em quanto anda a visitar as numerosas egrejas e conventos da cidade, convidaremos os nossos leitores para assistirem á passagem do prestito do patriarcha de Lisboa, prestito verdadeiramente regio, cuja descripção não será superflua no quadro que vamos esboçando.

D. Thomaz de Almeida, primeiro patriarcha de Lisboa, saíu da capital no dia 10 do mesmo mez de janeiro em direcção a Aldeia Gallega, onde se demorou dois dias, á espera que se reunisse toda a sua comitiva. No dia 12 partiu d'alli para Elvas, por Evora e Villa Viçosa. Caminhava o prestito na ordem seguinte: Dois palafreneiros a cavallo; vinte e quatro moços da cavallariça, levando á mão outros tantos cavallos, cobertos com telizes; dois palafreneiros com as umbrellas, e no meio d'elles o cruciferario conduzindo a cruz patriarchal, montado em uma mula ruça, e acompanhado de dois moços; uma berlinda franceza muito rica, em que ia o patriarcha; oito palafreneiros a cavallo; um decano e seis officiaes, tambem a cavallo; uma estufa rica de respeito; quatro estufas e uma berlinda, as quaes transportavam os capellães, caudatarios e mais familia do prelado; uma sege com dois moços da guarda-roupa; doze officiaes da casa a cavallo; quarenta e seis bestas de carga cobertas com seus reposteiros; tres tiros de mulas, que iam de sobrecelente; varios criados da cavallariça e outras pessoas, todos a cavallo.

No dia 14 partiram de Evora para Villa Viçosa el-rei, o principe e os infantes D. Antonio e D. Francisco. A rainha, a princeza e o infante D. Pedro, tendo ficado em Evora, assistiram na tarde d'esse dia a uma representação theatral, dada pelos padres jesuitas no seu collegio do Espirito Santo, em applauso da canonisação de dois membros da ordem, S. Luiz Gonzaga e Santo Estanislau Kostka, que o papa Benedicto xiii acabava de decretar. Armou-se o theatro na propria egreja do collegio, com tablado, bastidores e mais scenario, e n'elle se representou uma tragi-comedia latina.

No dia seguinte effectuou-se a partida da rainha para Villa Viçosa. Tanto n'esta villa como nas outras do transito, foram recebidos os soberanos com as mesmas ceremonias e solemnidade com que os recebêra a cidade de Evora.

Saíram de Villa Viçosa todas as pessoas reaes em direcção a Elvas no dia 16, pelas seis horas da manhã. As comitivas del-rei e da rainha, caminhando agora reunidas, formavam um acompanhamento numerosissimo e esplendido. E pois que estamos chegados á grandiosa funcção do encontro e visita dos dois soberanos da peninsula, e da troca e consorcio das princezas, devem tambem ficar consignados n'este logar, como documentos importantes do luxo e magnificencia da corte del-rei D. João v, a relação, embora summaria, das pratas que compunham a baixella para o serviço das pessoas reaes, e a lista dos empregados da real ucharia. Tanto as pratas, com a numerosa criadagem que lhes andava annexa, como tudo quanto pertencia á ucharia, precediam os soberanos nas jornadas com a necessaria anticipação, para que ao chegar a qualquer terra achassem promptas as coisas de que haviam mister.

Para o serviço da mesa das pessoas reaes foram trinta e oito caixões com baixella de prata doirada. Para o serviço dos quartos e toucadores foram vinte e quatro caixões com prata branca (pratos, jarros, bacias, fogareiros, pás, etc.) Caixas de roupa fina eram seis. Para o serviço das mesas de estado foram sessenta caixas com baixella de prata branca; vinte e uma caixas com prata branca de bastiões; tres caixas de salvas de prata de bastiões; quatro fontes de prata; duas caixas com dois jarrões doirados e lavra-

dos com sua folhagem; duas idrias de prata branca e doirada; tres caixas com tres brazeiros de prata branca e suas carrancas doiradas; e trinta e seis caixas de roupas de flores.

O pessoal da ucharia compunha-se do escrivão da cozinha, do seu ajudante, do cozinheiro-mór, de um francez que exercitava a mesma occupação, do comprador da ucharia, de dezesete moços das compras, de sete moços da ucharia, dez mestres de cozinha, setenta e oito cozinheiros, quarenta e cinco ajudantes, sessenta e seis moços da cozinha, vinte e quatro varredores e um apontador; total, duzentos cincoenta e tres criados.

Ao cair da noite do mesmo dia 16 chegou a real familia ante os muros da praça de Elvas. Além da guarnição da praça, foram para alli mandados varios regimentos de differentes armas, em força superior a seis mil homens, para abrilhantarem aquella funcção. Toda esta tropa se achava, pois, disposta em alas ao longo da estrada, a começar junto á porta da cidade denominada de Olivença, d'onde seguia por espaço de uns 3 kilometros.

Ao tempo em que rompiam as salvas das baterias da praça, saudando a chegada dos soberanos de Portugal á cidade de Elvas, acabavam de salvar os canhões da fronteira praça castelhana, annunciando a entrada dos reis de Hespanha na cidade de Badajoz. Não se julgue, porém, que esta coincidencia fôra obra do acaso. Foi, pelo contrario, o resultado de reciprocos esforços e sábias combinações. Desde que as duas cortes, portugueza e hespanhola, saíram das suas respectivas capitaes, entretiveram contínuas relações por meio de expressos, que uma á outra enviava, a fim de que, medindo mui bem as suas jornadas, ambas chegassem exactamente ao mesmo tempo ás duas referidas cidades. Se uma tivesse de esperar pela outra, reputava-se isso como uma offensa ao decoro do monarcha e á dignidade nacional.

Á porta da cidade achavam-se as communidades religiosas, o cabido e clerezia, e o senado da camara de Elvas. El-rei e mais pessoas reaes apearam-se alli, e, depois das ceremonias do estilo, quiz o soberano proseguir a pé até á cathedral. Porém, tendo dado alguns passos, começou a cair neve, e D. João v, voltando-se para a rainha, disse-lhe que não se atrevia a passar adiante por causa do frio, que era excessivo. Tornou, portanto, a familia real a entrar para os coches, e n'elles foi até á cathedral, onde se cantou o costumado *Te Deum*, acabado o qual foi poisar nos paços do bispo, convenientemente preparados para a receber. Festejaram os elvenses a chegada dos seus soberanos com vistosas luminarias, fogos de artificio, serenatas e outras demonstrações de regozijo.

No dia seguinte (17) de manhã, trocaram as duas cortes comprimentos entre si, enviando el-rei D. João v o marquez de Alegrete, seu gentil-homem, a saber como suas magestades catholicas e altezas haviam chegado a Badajoz; e vindo a Elvas, com identica missão da parte del-rei D. Filippe v, o duque de Solferino, seu gentil-homem. De tarde veiu a Elvas o conde de Montijo, camarista del-rei catholico, trazer a joia que o principe das Asturias offerecia á princeza sua noiva, a infanta D. Maria Barbara. Ao mesmo tempo chegava a Badajoz o marquez de Cascaes, camarista del-rei fidelissimo, levando a joia que o principe do Brasil offertava á princeza sua desposada, a infanta D. Marianna Victoria.

No dia 18 reuniram-se em conferencia no rio Caia os secretarios de estado de ambos os monarchas, Diogo de Mendoça Corte-Real e o marquez de la Paz, com o fim de concluirem os ajustes, já muito anteriormente começados, do ceremonial com que se haviam de ver os dois soberanos. Foi um acto que pinta bem ao natural, e com vivas côres, as feições da epocha, não só em relação aos dois povos da peninsula, mas a respeito de todas as nações da Europa. As dúvidas e os alvitres que se apresentaram nas conferencias diplomaticas que precederam esta, sobre a intrincadissima questão de qual dos monarchas havia de apparecer primeiro á porta da sala; depois de se avistarem, qual daria o primeiro passo para transpor o limiar da porta; vencida esta difficuldade, quantos passos dariam um para o outro; quantas e quaes palavras profeririam nas primeiras saudações; como, quando e a que distancia um do outro se haviam de sentar; se se descobririam ou não; todas as dúvidas e alvitres que a tal proposito se offereceram, e o modo por que os dois referidos secretarios conseguiram chegar a um accordo, conciliando tão oppostas conveniencias e tão contrarias opiniões, resumem em si a historia das nações da Europa nas suas relações exteriores durante uma boa parte dos seculos XVII e XVIII.

Eram aquellas futilidades, que hoje se nos antolham pueris e incriveis, que dictavam a politica dos estados nas suas relações internacionaes, e de que pendiam, na maior parte dos casos, a paz e a guerra.

Decidiu-se, finalmente, na conferencia do Caia, que as acções dos dois monarchas, ao avistarem-se, fossem tão simultaneas, como se os movesse o mesmo impulso, e as suas primeiras phrases tão uniformes, como se as dictasse o mesmo pensamento.

Resolveram mais, entre outras coisas egualmente sérias e graves, que suas magestades não se cobririam; que a funcção das bençãos nupciaes se celebraria no mesmo dia das entregas das princezas, em Elvas e em Badajoz; que os principes poriam as princezas á sua mão esquerda, e que fallariam de pé; e que no dia seguinte (19), pelas nove horas e meia da manhã, sairiam as duas cortes das cidades de Badajoz e de Elvas para o rio Caia.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

É uma convicção minha que na poesia da linguagem o genero parallelo á estatuaria é a tragedia; assim como a epopéa á grande architectura; e os outros generos, especies e variedades litterarias aos seus correspondentes na pintura: ode á allegoria, idyllio á paizagem, epigramma á caricatura, romance e drama ao quadro historico, e assim os mais. A musica segue as divisões da poesia fallada, cuja irmã gemea nasceu. Ao cabo, a *arte* é uma só, expressada por variados modos, segundo são variados os sentidos do homem.

O estudo do homem é o estudo d'este seculo, a sua anatomia e physiologia moral as sciencias mais buscadas pelas nossas necessidades actuaes. Colligir os factos do homem, emprego para o sabio; comparal-os, achar a lei de suas series, occupação para o philosopho, o politico; revestil-as das fórmas mais populares, e derramar assim pelas nações um ensino facil, uma instrucção intellectual e moral que, sem apparato de sermão ou prelecção, surprehenda os animos e os corações da multidão no meio de seus proprios passatempos — a missão do litterato, do poeta.

Os despotismos da Asia, como então eram e ainda hoje são, nascem da exaggeração do governo patriarchal do chefe da familia, da tribu, da nação. O absolutismo europeu é a usurpação dos direitos do povo: lá a coisa publica formou-se pelo principe e com elle; aqui é o principe que se impoz á republica. Desde Julio Cesar até agora, a origem de todas as monarchias absolutas na Europa, a fundação de todas as suas dynastias, tem sido a usurpação mais ou menos violenta, mais ou menos flagrante, mais ou menos astuciosa, dos direitos da nação por um homem.

ALMEIDA GARRETT.